

## MINHA HERANÇA ESPIRITUAL

Título original: *La mia eredità spirituale*

ISBN 978-88-215-7868-7

© 2013 Edizioni San Paolo s.r.l. - Cinisello Balsamo (MI)

Tradução: Pe. José Bortolini

Direção editorial: Claudiano Avelino dos Santos

Assistente editorial: Jacqueline Mendes Fontes

Revisão: Cícera Gabriela Sousa Martins

Tiago José Risi Leme

Capa: Marcelo Campanhã

Diagramação: Dirlene França Nobre da Silva

Impressão e acabamento: PAULUS

1ª edição, 2013

1ª reimpressão, 2013

© PAULUS – 2013

Rua Francisco Cruz, 229

04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

Fax: (11) 5579-3627

[www.paulus.com.br](http://www.paulus.com.br)

[editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

ISBN 978-85-349-3617-0

BENTO XVI

MINHA HERANÇA  
ESPIRITUAL

Organizado por  
Giuliano Vigini



**N**o momento em que Bento XVI deixa seu encargo, há um sentimento de reconhecimento que se ergue espontâneo por parte de quem nestes últimos anos nutriu-se da sua palavra. Uma grande herança espiritual não é possível evidentemente ser resumida em poucas páginas, mas também um livro como este – pequena homenagem a um pontificado que deixa um sinal duradouro – pode servir para delinear um percurso dentro da sua obra. Concentramo-nos no tema da fé, pois este foi o coração palpitante de todo o magistério de Bento XVI. Com ele iniciamos o caminho do Ano da fé e com ele, através dos ensinamentos que nos deixou, queremos prosseguir-lo, a fim de tornar mais forte a nossa fé e viver com maturidade o nosso ser cristão. Acima de tudo, damo-nos conta de quanto cada um se encontra sempre no beabá da vida cristã e, portanto, é necessário reaprender continuamente aquilo que esquecemos ou então devolver vida àquilo que se extinguiu ou entorpeceu, ou até recuperar aquilo que foi abandonado ou removido.

A pedagogia da fé do Papa parte justamente desta constatação: grande parte da sociedade ocidental – também no contexto dos cristãos – acabou excluindo ou marginalizando os conteúdos fundantes do cristianismo e os valores irrenunciáveis que o inspiram. Aqui reside o seu incessante esforço de fazer mergulhar novamente nas fontes da doutrina da Igreja e ao mesmo

tempo acompanhar à experiência viva da fé, como testemunho e anúncio do Evangelho. Para alcançar esses objetivos, Bento XVI insistiu sobretudo na importância da catequese preparatória aos sacramentos, a partir dos da iniciação cristã; indicou o horizonte primário da evangelização – ou seja, a missão *ad gentes* –, a fim de suscitar na Igreja um renovado impulso missionário; pôs o acento em como hoje, numa sociedade secularizada, se pode reacender no coração dos fiéis a consciência do grande dom recebido no batismo e dessa forma fazer com que todo cristão torne visível, nos lugares em que vive, a alegria da fé como selo da própria pertença a Cristo.

Mas o que é a fé cristã – pergunta o Papa a si mesmo – e como fazer com que ela represente a estrela-guia para os passos do homem, num mundo dominado por outras fés, voltado a seguir um progresso muitas vezes cego e sem limite, que absolutiza pensamentos, sentimentos e atos, acabando por sufocar as questões fundamentais e as instâncias mais profundas do homem? É justamente nesse deserto espiritual que se criou que urge fazer emergir a necessidade autêntica de Deus. No coração pode aninhar-se também o pensamento ou o sentimento de Deus como Ser superior, de onde parte e se fundamenta a vida, mas à frente não há Ele como horizonte e destino final, que guia o caminho do homem rumo a uma esperança maior que as ambições humanas: uma esperança capaz de dar à vida e à morte o significado certo e duradouro. De um Deus pura abstração, ou fórmula de conveniência, ou com o qual de algum modo se estabelece uma relação anônima ou superficial, a um Deus com o qual se entra num diálogo íntimo e intenso, que se torna substância e forma da vida: este é o objetivo primário. Portanto, trata-se de tirar Deus da sepultura do coração e ao mesmo tempo suscitar – em quem não crê ou é agnóstico – o desejo de procurar Deus, demonstrando que esta não é uma aspiração irracional ou vazia, mas um anseio inserido em todo homem que se pergunta qual o sentido do próprio viver.

A racionalidade da fé em Deus é, com efeito, um dos pontos focais aos quais Bento XVI reiteradamente retorna em suas catequeses. Fé e razão não são estranhas ou antagonistas; pelo contrário, poder-se-iam comparar a uma obra em dois volumes, na qual o primeiro não pode subsistir sem o segundo, porque são reciprocamente complementares: interação e se completam mutuamente. Não se acredita sem nem contra a razão, porque, se a fé procura, é o intelecto que encontra (*Fides quaerit, intellectus invenit*), e em seguida continua procurando Aquelle que encontrou. Ou seja, se primeiramente é preciso crer para poder compreender, de acordo com a célebre síntese agostiniana (*crede ut intellegas*) retomada por Anselmo – enquanto a fé é um componente essencial do intelecto como início no caminho em direção ao objeto do conhecimento –, o compreender é a “recompensa” da fé. O intelecto faz referência à fé, mas a fé se expande e culmina na fecunda atividade do intelecto, e por isso deve ser amado apaixonadamente.

A passagem da busca e da participação racional ao ancoradouro da concreta experiência de fé é aquilo que exatamente significa “crer”: ou seja, viver a fé, acolhê-la como dom e caminhar na vida com a consciência de ter de fazer esse dom frutificar. Quem crê se confia completamente em Deus e por isso não receia perder coisa alguma, tendo Ele como riqueza. De Abraão, pai dos crentes, bem como de tantos homens e mulheres que habitaram a escola dos santos, vem o exemplo dessa fé total, que não conta com as próprias forças, mas se abandona à misericórdia de Deus, de quem sabe que provém vida e salvação. Quem crê se despoja das próprias seguranças, torna-se humilde e assim pode fazer Deus entrar no coração, ser iluminado e estar repleto da alegria que nasce do encontro com Ele. Porém, quem crê teve antes a coragem de colocar-se a caminho. Como os Magos, partiu para uma busca da qual não conhecia o resultado, mas não teve medo de arriscar a aventura da viagem para encontrar, com a verdade de Deus, também a verdade de si mesmo.

A quem o procura, Deus se faz conhecer. Indo ao encontro dele, Ele mostra o seu rosto e o seu coração de Pai, que não observa quem somos e de onde viemos, pois a única coisa que lhe interessa é uma reciprocidade filial de amor. Por primeiro, Ele deu um surpreendente testemunho do seu amor. Não deu algo. Por meio do seu Filho, Jesus, entrado na história dos homens mediante o ventre de uma mulher humilde, Ele deu-se a si mesmo. A Palavra criadora – o *Logos*, que está na origem do mundo – rasgou o véu inacessível que a escondia e se revelou em Jesus, o “Emanuel”, que veio para o meio de nós e permanece sempre conosco. A nós é pedido o esforço de sair dos muros do egoísmo, “atravessar” a nossa realidade feita de coisas e passar para o outro lado, para aprender a ver e a saborear as coisas essenciais, que são justamente as coisas de Deus.

Jesus Cristo, plenitude da verdade, é portanto o guia seguro para uma vida boa e feliz, fundada sobre a rocha do seu amor misericordioso e fiel. Quem caminha e se prende à mesma corda com Ele é tomado pela mão e, mesmo se cansado por causa da fadiga de subir, é levado aos picos, até as alturas de Deus, numa subida permanente ao longo da qual se realiza plenamente a sua vocação de homem e cristão. Sob sua guia e em sua companhia, se chega a conhecê-lo, a ser seus amigos, a pensar com o coração dele. Esse seguimento de Jesus é a fé ativa que une numa autêntica relação de amor, que comporta evidentemente obediência, sacrifícios e renúncias, mas que jamais nos deixa a sós na escuridão das horas da vida, porque há sempre a sua luz a iluminar o caminho.

Nessa viagem, acompanha-nos Maria, a mulher do “sim” que mudou a história. Mãe de Deus e mãe da Igreja, Maria é o espelho de qualquer santidade, modelo de fé, esperança e caridade para os cristãos e para os crentes. O povo de Deus, a Igreja, é representado por ela, a nova Eva, a “mulher vestida de sol” (Ap 12,1), sob cujo manto estamos protegidos, sustentados, encorajados a desempenhar fielmente a própria vocação. A essa

sua maternidade – com a qual se iniciam a vida terrena desde Jesus e os primeiros passos da Igreja, sob a ação do Espírito Santo – é confiada a comunidade dos discípulos até o fim da história, para que, em sua escola, aprendam a seguir Jesus e a permanecer no seu amor.

Porém, é preciso rezar para isso. As numerosas catequeses de Bento XVI sobre a oração testemunham a necessidade de recorrer a ela com frequência; mais ainda, fazer dela o alento da própria vida. Com seu exemplo, Jesus ensina como se reza e como se vive rezando. Quando os discípulos pedem para que lhes ensine a rezar (Lc 11, 1), Jesus não lhes propõe apenas uma oração modelo (o *Pai-nosso*). Ele propõe as coisas prioritárias no pedido pela realização a vontade de Deus. Somente tornando próprios os conteúdos da oração de Jesus e tendo sempre como referência o seu modo de praticá-los, o cristão cria as condições para experimentar de modo totalmente pessoal os dons do Espírito Santo, que o transformam e o renovam na caridade, na alegria e na paz.

Desse modo, fundados em Cristo, confiados a Maria, incorporados na Igreja – o “tu” da fé pessoal que se funde, crescendo e amadurecendo, no “nós” da comunidade eclesial –, continuamente nutridos pela oração, os cristãos confessam e testemunham, celebram e anunciam o Evangelho de Deus que, no evento da morte e da ressurreição de Jesus, oferece a resposta do por que e do como viver. A alegria pascal da Igreja é o fruto desse Amor crucificado que venceu a morte e que está sempre vivo na Eucaristia, para alimentar, no inseparável binômio fé-caridade, as obras do bem, da justiça e da paz.

Estes são os fundamentos, não somente da fé, mas de uma civilização que se esforça para crescer como medida do homem. Na realidade, sem o Deus de Jesus Cristo também o progresso se desnatura, pois se submete ao poder desmedido do homem em detrimento do seu potencial ético, e portanto perde o controle de si mesmo, ultrapassando os limites daquilo que é



verdadeiramente humano. Daí a premente exortação do Papa ao mundo para que se recoloquem no centro os valores cristãos e a solicitação à Igreja para que se renove interiormente, a fim de adquirir uma fé sempre mais límpida e generosa, que se torne visível como testemunho de amor.

*Giuliano Vigini*